



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2241 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 08 - Formação de Professores

## AUDIOVISUALIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

Rosane Tesch de Oliveira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro - SME/RJ

## AUDIOVISUALIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

### RESUMO

Tecer redes e compartilhar conhecimentos que contribuam com a autoformação e a formação docente, tendo como dispositivo as operações docentes com as audiovisualidades nos cotidianos da Educação Infantil, é a proposta desta pesquisa que teve como campo de estudos os espaços-tempos de uma Unidade Escolar da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro durante os anos letivos de 2016 e 2017. Com a pesquisa, foi possível capturar, registrar e discutir, coletivamente, práticas docentes que apontaram para a potência nos usos dos recursos tecnológicos e audiovisuais, sobretudo dos registros videográficos com dispositivos móveis, como o *Smartphone*, como possibilidade para análise, compreensão, reelaboração e intervenção sobre as próprias práticas, visto que ainda não há outro dispositivo que permita que nos vejamos em atividade. A opção epistemológica e metodológica se insere nas pesquisas com os cotidianos, gerando os movimentos que tornaram visíveis atos e acontecimentos efêmeros e fugidios que, em instantes-já, se transformam em passado no aqui e agora dos cotidianos.

Palavras-chave: Audiovisualidades. Autoformação docente. Educação Infantil.

## AUDIOVISUALIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

### RESUMO

Tecer redes e compartilhar conhecimentos que contribuam com a autoformação e a formação docente, tendo como dispositivo as operações docentes com as audiovisualidades nos cotidianos da Educação Infantil, é a proposta desta pesquisa que teve como campo de estudos os espaços-tempos de uma Unidade Escolar da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro durante os anos letivos de 2016 e 2017. Com a pesquisa, foi possível capturar, registrar e discutir, coletivamente, práticas docentes que apontaram para a potência nos usos dos recursos tecnológicos e audiovisuais, sobretudo dos registros videográficos com dispositivos móveis, como o *Smartphone*, como possibilidade para análise, compreensão, reelaboração e intervenção sobre as próprias práticas, visto que ainda não há outro dispositivo que permita que nos vejamos em atividade. A opção epistemológica e metodológica se insere nas pesquisas com os cotidianos, gerando os movimentos que tornaram visíveis atos e acontecimentos efêmeros e fugidios que, em instantes-já, se transformam em passado no aqui e agora dos cotidianos.

## 1. Apresentando a pesquisa com as audiovisualidades

A pesquisa teve como objetivo principal capturar e registrar as operações docentes com as audiovisualidades em uma dimensão estética que traz, em seu rastro, uma ética e uma polêmica/política para as teorias e práticas cotidianas. Com esses movimentos, pretendeu-se visibilizar práticas docentes que incluem as audiovisualidades nos cotidianos da Educação Infantil, discutir coletivamente a operatividade com as audiovisualidades na Unidade Escolar, tecer novas redes de significações e de conhecimentos em educação e contribuir com um processo sensível de autoformação e formação docente em educação.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foram utilizadas técnicas e métodos combinados: observação e observação participante com registros de imagens, sobretudo em vídeos, revisão de literatura, pesquisa documental e conversas, que se deram individualmente de forma espontânea ou em rodas, com docentes e outras pessoas praticantes dos cotidianos da Educação Infantil de uma Unidade Escolar pública da cidade do Rio de Janeiro, durante os anos letivos de 2016 e 2017. A partir das primeiras observações e interações, ficou clara a importância de utilizar, também, imagens fotográficas e videográficas produzidas por docentes no contexto vivenciado. Os vídeos capturam gestos, expressões faciais e corporais, ausências e presenças que poderiam passar despercebidas no “aqui e agora” efêmero dos cotidianos. Os vídeos também se mostraram potentes nas conversas e discussões docentes, sobretudo, por fazer emergir memórias e possibilitar que uma impressão seja resignificada nos muitos retornos que se pode fazer aos registros. A instituição de ensino que serviu como campo de pesquisa foi nomeada Unidade Escolar, denominação dada pela Secretaria Municipal de Educação (SME) a cada uma das creches, espaços de desenvolvimento infantil (EDI) e escolas da rede pública de ensino. Nas imagens utilizadas para o estudo foram aplicados filtros de alto contraste com o objetivo de preservar a identidade das pessoas participantes da pesquisa cujos nomes são fictícios.

Considerando que a ética é uma construção humana, portanto histórica, social e cultural, conforme Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (p. 44), o presente estudo se insere no item VII, do parágrafo único do artigo 1º, aprovada pelo Plenário do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

## 2. Apontamentos sobre audiovisual e audiovisualidades

No “Manifesto Audiovisualidades” (2009), os estudos das *audiovisualidades* são articulados a partir de uma concepção de audiovisual *Lato Sensu* que vai além das divisões entre as mídias tradicionalmente tratadas nas pesquisas em comunicação. A partir dessa concepção, que considera o processo de globalização das culturas, “admite-se que o audiovisual é também uma virtualidade que se atualiza nas mídias, mas que as transcende” (SILVA; ROSSINI, 2009, p. 7). O audiovisual é considerado, assim, em sua heterogeneidade de formatos, suportes e tecnologias que atravessam e transcendem as mídias, por convergência e dispersão.

Killp (2015) fala da complexidade que é fazer pesquisas a partir dessa concepção de audiovisual/audiovisualidades, já que estamos lidando com objetos complexos e culturas complexas em uma nova e complexa forma de fazer comunicação. Por um lado, as imagens estão migrando, o tempo inteiro, de um meio a outro e, por outro, há uma enorme diversidade de “sujeitos-usuários” envolvidos no processo de sua produção e compartilhamento. Isso ocorre porque estamos mergulhados em uma “Tecnocultura Audiovisual” (FISCHER, 2015, p. 64), e nem sempre nos damos conta de que ao movimento das imagens se sobrepõe o movimento do dispositivo e de espectadores, como quando assistimos TV, filmes e vídeos pela tela dos dispositivos móveis, ou de que as camadas da internet e de aplicativos, que veiculam imagens, constroem memórias à nossa revelia, ao mesmo tempo, em que o modo de olhar para as imagens (e delas nos olharem) é o que faz elas serem ou parecerem o que são.

Machado, em entrevista concedida na 13ª Semana da Imagem na Comunicação, em 2015, ao falar sobre memória, tratando do controle e das audiovisualidades em interfaces digitais, diz que a produção em série – enquanto técnica que está ligada à racionalidade linear – tentou compartimentar o espaço do ser humano, mas que é preciso considerar a relação entre a técnica e a estética e compreender que “pensar sobre a técnica é pensar menos sobre os aparatos tecnológicos e mais sobre o ser humano”, já que a relação entre os seres humanos e a técnica precede o mundo moderno e a contemporaneidade tecnológica (não paginado). Também em entrevista, na 11ª Semana da Imagem na Comunicação, em 2013, Bentes fala sobre “a vida das imagens” (não paginado). Ao pensar as imagens como um modo de se produzir uma nova sociabilidade, defende que tanto as que consumimos como as que produzimos estão repletas de todas as qualidades e potencialidades que “definem o humano”, tornam-se “sujeitos atuantes, pensantes”, que afetam e que são afetadas (BENTES, 2013, não paginado). Assim como defende Machado (2015), que entende a estética como a manifestação ética e política, dentro de determinado contexto, Bentes (2013) pensa as imagens do ponto de vista estético, econômico e como modo de produção dessa nova sociabilidade, mas o amplia quando inverte a noção de imagem que é “olhada” para “como pensamos o modo como as imagens nos olham?” (não paginado), perspectiva que Killp (2015) também traz para pensar sobre os objetos e as formulações das questões de pesquisa que nos movem, visto que é o que no objeto nos observa, que move nossa curiosidade.

As imagens, cada vez menos restritas aos modos de “ver”, são ampliadas em seus sentidos. Seja em suas possibilidades de tatilidade, seja em projeções que permitem uma completa imersão, podendo mesmo confundir espaços-tempos cotidianos. As imagens, as visualidades, as audiovisualidades têm sido atravessadas por um complexo processo comunicacional que em nada remetem à função de espectador ou de contemplador de outrora.

### 3. Uma docência interatora

Soares e Santos (2012, p. 21) nos dizem que nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, além de estudar as tecnologias em si, “precisamos adentrar na vida social estruturada por elas para entendermos como praticantes dos cotidianos produzem seus *saberes-fazer*s, incluindo aí a própria cultura sociotécnica.” Nesse caminho, o inesperado pode aparecer e não se tenta neutralizar, minimizar ou suprimir as respostas imprevisíveis, as diferenças, os desajustes, os medos, as transgressões, as oscilações, os desentendimentos, as voltas e os retornos inesperados e sim buscar perguntas, mais que respostas, sobre como uma docência interatora, cujas práticas milenares são agora facilitadas pelos usos das novas tecnologias, praticam culturas, currículos, interações.

Em junho de 2016, Carolina, docente da Educação Infantil e de artes da rede pública do Município do Rio de Janeiro, conversou sobre suas pesquisas, o planejamento de suas aulas e práticas. Ao falar sobre usos de imagens e tecnologias em sala de aula, Carolina disse como essas vêm sempre da criança e como considera isso uma “delicadeza”.

*Então, eu acho que é isso, a gente usa sim, se a gente não usar hoje, acho que a gente vai ser atropelada, a imagem é forte, da televisão, é rápida, as crianças do CIEP, com 6, 7, 8 anos, todos com celular na mão, entendeu? É tudo muito rápido. Eu mesma, às vezes, quero falar alguma coisa, pego meu celular rápido, porque até a internet do CIEP... não rola, e mostro o que eu estou querendo falar. Ou até, então, na hora eu tiro a foto dessa criança, eu faço isso o tempo inteiro. Quando você falou em vídeo, a criança estava chorando eu falei - ah, eu vou fazer um videozinho, olha como ele está rindo! E tal, e depois ele parou de chorar porque ele viu todo mundo rindo. É imediato. Hoje, a gente usa muito rápido.*

Essa “urgência” na fala de Carolina, além das questões e problematizações colocadas que, em si, já se apresentam como emergenciais, também revela um pouco dos limites da prática docente cotidiana. Quando Carolina traz a imagem da criança chorando e diz: “Ah, eu vou fazer um videozinho, olha como ele está rindo!”, ela expõe a corporalidade da cena. Aqui, o choro, que é, ao mesmo tempo, uma forma de comunicação da criança e uma faísca para a “desordem”, um “caos”, não é contido por uma ação repressiva ou um abraço afetuoso que nem sempre surte efeito e sim por uma apropriação da imagem que produz novos olhares, novas percepções e outros efeitos de sentido.

Em “Que emoção! Que emoção?” (Didi-Huberman, 2013) várias frases e a imagem de uma criança chorando iniciam o livro. Que emoção! É o que recai sobre nós sem aviso, é a emoção de outra pessoa (como a criança que chora), é o gesto de se espantar diante de algo, de alguém, de uma experiência, da intensidade de uma experiência. Que emoção? É a reflexão sobre o que podemos fazer com essa emoção!, que não pode separar-se daquela. Rir de si mesma, como a criança filmada por Carolina, é apenas uma de tantas outras possibilidades de ação.

Nas pesquisas em que se “mergulha” (ALVES, 2003, p. 6) nos/com os cotidianos, os acontecimentos, as dúvidas, as indagações, as negociações, em meio às buscas pelo que se pretende colocar em questão, impedem que seja traçado um caminho de pesquisa que possa seguir uma linearidade. Assim, nesse estudo, a docência se apresentou como interatora, pesquisadora, investigadora e transformadora de suas próprias práticas, em uma relação de trocas sensíveis com o(s) outro(s), buscadas em pequenas pausas e interrupções nos fluxos cotidianos.

### 4. Isto não é uma caixa: o que um vídeo nos dá a ver?

Lara separou caixas de vários tamanhos. Havia lido para o grupamento do Maternal I, turma em que era docente e que contava com crianças de três anos, em média, a história “O Homem que Amava Caixas”, de Stephen Michael King.. Estava planejado que faria uma instalação para que as crianças pudessem explorar as caixas livremente e, também, que gravaria vídeos para que pudesse visualizá-los posteriormente. O primeiro registro videográfico, feito com seu Smartphone, revelou imagens da sala de aula ornamentada com largas tiras de papel crepom que desciam do teto e inúmeras caixas, de vários tamanhos, espalhadas pelo chão. Sobre três mesas acopladas, encontrava-se um lençol azul claro, com desenhos brancos, que remetem a mandalas e, sobre o lençol, o livro da história que serviu de inspiração para a organização do espaço. “As crianças não viram ainda. Daqui a pouco, vamos pegá-las no solário”, narra Lara, enquanto registra cada parte do ambiente cuidadosamente preparado para ser ocupado pelo grupo. Ao focar as mesas com o lençol amarrado em seus cantos, Lara diz: “Lembrando que aqui embaixo é uma cabana”.

Imagem 1 – Instalação “O homem que amava caixas”



Legenda: Instantâneo/frame de vídeos gravados pela docente Lara. Fonte: A Autora, 2016.

Lara fez um segundo registro videográfico, já com as crianças ocupando a instalação, e os liberou para uso na pesquisa. Convidada para uma conversa sobre os vídeos, a primeira expressão de Lara é sobre uma das crianças que já não se encontra mais na Unidade; a ausência a tocou. Ao terminar a exibição, a docente diz que carrega os vídeos em

um *pen drive* e, ao final do dia, quando pergunta o que gostariam de assistir, as crianças sempre pedem para rever esse vídeo, além de alguns outros. Atendendo aos pedidos, ela, então, o exibe na tela da televisão que tem entrada USB. “Me ver aqui, eu acho que me traz uma memória. Saudade do Bernardo, que foi embora, e do Enzo, que eu tinha esquecido. A imagem faz isso, traz essa memória.” Aurora, docente do Bercário I, turma com crianças até 2 anos, também assistiu ao registro videográfico da atividade de Lara. Quando viu o lençol cobrindo as mesas, lembrou-se de que era uma das suas brincadeiras preferidas quando criança, usar panos ou um lençol para “viajar”; “colocar em cima do sofá para o outro surfar”; “fazer barco”; “é muita imaginação”.

Imagem 2 – Instalação “O homem que amava caixas”: o lençol



Legenda: Instantâneo/frame de vídeos gravados pela docente Lara. Fonte: A Autora, 2016.

Produzindo atos de formação em instantes-já (LISPECTOR, 1998), conversava-se sobre a potência do uso do dispositivo audiovisual como registro para (re)pensar e rememorar momentos de nossas práticas e de nossas vidas. As operações realizadas com o dispositivo, mais do que habilitar técnicas, pareciam estreitar laços, produzindo novas possibilidades de relações com o outro.

Sobre o lençol, imagem que “olhou” para Aurora enquanto ela olhava as crianças com as caixas, Lara havia dito que “aqui embaixo era uma cabana”. O registro, porém, mostrava que, ao verem o lençol, algumas crianças correram para se colocar sobre a mesa. Como Aurora, aquelas crianças ignoraram as caixas porque foram olhadas pelo lençol. Perguntada sobre o que ela pensou naquele momento em que registrava a cena, já que o movimento de apropriação do lençol foi inverso ao planejado, Lara respondeu: “Não havíamos pensado nisso, mas algumas crianças viram a mesa como uma cama, uma delas falou”. Sobre as imagens que nos olham, Didi-Huberman (2010, p. 59) nos diz que “a mais simples imagem nunca é simples, nem sossegada como dizemos irrefletidamente das imagens [...] as imagens inquietam nosso ver”. As caixas incluem um vazio sempre potencial, mas “pode ser que a criança se contente com um simples lençol de cama”, e foi ele, o lençol que, naquele momento, trouxe para Aurora, e para as crianças que subiram na mesa, uma poética capaz de “abrir uma cisão do que nos olha no que vemos” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 84).

Para Lara, o vídeo serviu, entre outras possibilidades, como um dispositivo para rever a prática e repensar o que foi feito. “É teoria, é prática, é reflexão, isso é o vídeo que te dá”. “É igual filme, você assiste o filme uma vez, quando assiste pela segunda, terceira vez, você percebe coisas que não percebeu das outras vezes”, intervém Aurora. “É uma prática formativa”, completou Lara.

## 5. Considerações finais

A pesquisa evidenciou que as operações que incluem vídeos como um referencial nas práticas pedagógicas estão inscritas na concepção de que estamos imersos em uma tecnocultura audiovisual e que os usos dos vídeos, nas práticas com as audiovisuais, externaliza nossas ideias e concepções de mundo e também as atualiza. Em campo, os usos das tecnologias digitais deram mais rapidez, intensificaram e multiplicaram a potência das interações/interações docentes e de outras pessoas com os cotidianos da Unidade Escolar durante a pesquisa. O vídeo não aparece como uma solução definitiva, mas seus usos ampliam nosso “campo de visão” dos acontecimentos cotidianos em análises posteriores, potencializando o processo de autoformação visto que ainda não há outro dispositivo que permita que nos vejamos em nossas práticas. Na Educação Infantil, as crianças se comunicam intensamente utilizando seus corpos em gestos e expressões faciais/corporais num “instante-já” que é um pirilampo que acende e apaga (LISPECTOR, 1998). As narrativas audiovisuais, se não devolvem todos os “instantes-já” do aqui e agora tornado passados, permitem, ao menos, recuperar parte de seus fluxos.

## 6. Referências

ALVES, Nilda Guimarães. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Revista Teias*: Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, jan/dez. 2003.

BENTES, Ivana. Vídeo e Cinema: rupturas, reações e hibridismo. In: MACHADO, Arlindo (Org.). *Made in Brasil* três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Itaú Cultural, 2003, p. 113-132.

\_\_\_\_\_. A vida das imagens. *TCAV UNISINOS*: Audiovisualidades e tecnocultura. Comunicação, memória e design, Porto Alegre, 2013. Entrevista concedida ao Blog do TCAV durante a XI Semana da Imagem na Comunicação. Postado em 13/05/2013 por Sonia Montaño. Disponível em: <<http://tecnoculturaaudiovisual.com.br/?p=13035>>. Acesso em: 15

mar. 2016.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução CNS n. 510, de 07 de abril de 2016. *Documenta*, Brasília, DF, n. 98, Seção 1, p. 44-46, maio 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Que emoção! Que emoção?* Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

FISCHER, Gustavo Daudt. Do audiovisual confinado às audiovisuais soterradas em interfaces enunciativas de memória. In: KILLP, Suzana [et al] (Org.) *Tecnocultura audiovisual: temas, metodologias e questões de pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 61-111.

KILLP, Suzana. Manifesto Audiovisualidades. Grupo de Pesquisa Audiovisualidades/GPAV. *UNISINOS*, 06/11/2009. Disponível em: <<https://gpaudiovisualidades.wordpress.com>>. Acesso em: 15 maio 2016.

KILLP, Suzana. *Tecnocultura audiovisual: temas, metodologias e questões de pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Ricardo. *A Memória materializada pela Arquitetura de Informação: controle e audiovisuais em interfaces digitais*. TCAV UNISINOS: audiovisuais e tecnocultura. Comunicação, memória e design, Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida na 13ª Semana da Imagem na Comunicação. UNISINOS. Disponível em: <<http://tecnoculturaaudiovisual.com.br/?p=13706>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SILVA, Alexandre Rocha da; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Do audiovisual às audiovisuais: convergência e dispersão nas mídias*. Porto Alegre: Asterisco Ed., 2009.

SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda; LIBÂNEO, José Carlos (Org.). *Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 308-330.